

converter num "self-service", mas numa celebração expressiva não só no sentido pessoal do dom, mas também na sua dimensão comunitária. Para isso, tanto os pastores como os fiéis devem preocupar-se em realizar o gesto de maneira digna e significativa.

O que comunga deve levar o Pão consagrado à boca antes de regressar ao seu lugar, afastando-se para deixar aproximar-se aquele que o segue e permanecendo voltado para o altar. E também se deve prestar atenção aos pequenos fragmentos do Pão eucarístico que eventualmente se tenham separado e ainda à maneira de se apresentar à comunhão.

Comungar na boca ou na mão deve ajudar todos os fiéis a avivar a sua fé na Eucaristia e a favorecer a unidade e o crescimento das comunidades cristãs. Não será pois de estranhar que, numa mesma celebração, haja quem receba a comunhão na língua e quem a receba na mão.

(Secretariado Diocesano da Pastoral Litúrgica)

INFORMAÇÕES

Reunião da Comissão Instaladora do Conselho Pastoral (CICP): Na próxima 6ª feira, dia 14, às 21 h., no Centro de Convívio. Da agenda de trabalhos consta: Avaliação e Análise do Programa de Pastoral já feito e a fazer-se; Forma e data da eleição dos membros a eleger pelo povo para a CICP; Quaresma, Páscoa e Visita Pascal; Outros Assuntos.

Reunião Geral de Catequistas: No próximo sábado, dia 15, às 21 h., no Centro de Convívio.

«A Acção Social nas Paróquias»: Este será o tema do Encontro promovido pelo Secretariado da Acção Social e Caritativa da nossa Diocese, a realizar no próximo sábado, dia 15, das 9,30 às 13 h., no Centro Paulo VI, em Darque. Aberto a toda a gente, destina-se especialmente a todas as pessoas que já trabalham ou desejem vir a trabalhar em organismos da Igreja virados para as actividades sociais: Centros Sociais, Conferências Vicentinas, Misericórdias, etc. Participe!

MISSAS			
Dia	Hora	Intenções	
10	Seg	18,30	António Esquerdo Pereira, Emília Rodrigues, Manuel Lage, Adelaide Rodrigues da Costa e Agostinho Rodrigues de Sousa; José Leite e Maria da Conceição
11	Ter	18,30	Almas do Purgatório (m. c. Maria de Sousa Lima)
12	Qua	18,30	José Bastos; Luís Miranda e familiares; João Alberto, José Joaquim, Manuel Alves e Júlia Fernandes; Carolina de Miranda e João Mesquita; Laura Alves
13	Qui	18,30	Rafael Coimbra
14	Sex	18,30	Manuel Jesus Ribeiro; Maria Isabel Coelho Fernandes
15	Sáb	18,30	Manuel Viana e Luzia Vaz; Inácio Miranda e família; Joma Negrão e marido; Manuel Mendes; José Castro; Armando Martins Arezes e Ilda Amoroso; Romão Pires Gonçalves; Jeremias Fernandes Gonçalves; Daniel Rodrigues de Carvalho (aniv.)
16	Dom	9,45	Júlio de Matos Coutinho e familiares; Rosa Lourenço Cerqueira, José Rodrigues Alves e familiares; Teresa Miranda e Alice Mota; Marta Pereira dos Reis e João Fernandes Soares

PARÓQUIA VIVA

Nº 71 - 09/02/2003

Boletim Litúrgico-informativo • Senhor do Socorro - Viana do Castelo

Telef: 258835086 / 936322123 / 258806756 • Sai todos os Domingos e Dias Santificados



5º Domingo do Tempo Comum - Ano B



por toda a Galileia, pregando nas sinagogas ...»
(Evangelho)

«A sogra de Simão estava de cama com febre ... Jesus aproximou-se, tomou-a pela mão e levantou-a. A febre deixou-a e ela começou a servi-los. ... Jesus curou muitas pessoas ... De manhã, muito cedo, levantou-se ... retirou-se para um sítio ermo e aí começou a orar ... foi

A MÃO COMO UM TRONO

Durante vários séculos a comunidade cristã manteve com naturalidade o costume de receber o Pão Eucarístico na mão.

Vários são os testemunhos dos autores sagrados. S. Cirilo de Jerusalém, no século IV, descreve assim o rito da comunhão: "Quando te aproximares (para comungar), não o faças com as palmas das mãos estendidas nem com os dedos separados, mas coloca a esquerda como um trono da direita, que vai receber o Rei. No côncavo da mão recebe o Corpo de Cristo e responde: *Amén*. (...) Depois, aguardando a oração, dá graças a Deus que te fez digno de tão grandes mistérios".

As duas maneiras de receber o Corpo do Senhor têm sentido, e as duas podem expressar igualmente a nossa compreensão e o nosso respeito pelo mistério eucarístico. O ministro que distribui o Pão consagrado não deve impor a sua maneira pessoal de sentir, os seus gostos ou preferências, nem substituir-se ao fiel na sua escolha. O *"Amén"* deve ser a afirmação de fé, portanto deve ser um assentimento dito com convicção.

MOTIVOS DE UMA PREFERÊNCIA

- Comungar na mão é um modo mais natural: é mais normal depositar o que se oferece na mão do que na boca.

(cont. na pág. 3)

CELEBRAR MELHOR A COMUNHÃO NA MÃO

Uma mão aberta que pede, que espera, que recebe. Enquanto os olhos fitam o pão Eucarístico que o ministro entrega e os lábios juntamente com o coração dizem "Amén".

Casos há, em que de mãos estendidas, o ministro nos obriga a comungar na boca. Outras vezes, é o próprio ministro que procura, naquele que se aproxima, a atitude correcta e a disponibilidade para receber a Deus sacramentado.

O modo como realizamos este rito deve ser uma expressão de como entendemos o Mistério da doação de Cristo.

5º Domingo do Tempo Comum - Ano B

LITURGIA DA PALAVRA

DEUS RESPONDE AO SOFRIMENTO DOS HOMENS – O mundo humano é o espelho da limitação e da miséria dos homens. A limitação é inerente à condição de criatura. A miséria, porém, é produto da opressão e exploração inerente ao egoísmo e à injustiça que deforma o homem e perverte a relação social. Muitas vezes as coisas chegam a um ponto tal que já não distinguimos entre a limitação da criatura e a miséria gerada pelo próprio homem.

Em Job temos o clamor que a condição humana levanta até Deus, buscando libertação (*1ª leitura*). Em Jesus temos a resposta de Deus: o amor que liberta, expulsando os demónios que alienam e geram os males (*Evangelho*). Em Paulo encontramos o testemunho do homem liberto por Cristo, compreendendo que o sentido da vida é a gratuidade no serviço à libertação de todos, tornando-se solidário dos homens para ganhá-los para Cristo (*II leitura*).

1ª leitura: Job 7, 1-4, 6-7

«**Agito-me angustiado até ao crepúsculo**» – A condição do homem sobre a terra é, sem dúvida, muito precária. Breve e, para mais, fértil em penas e dores, a vida do homem aparece ainda ensombrada pela perspectiva da morte. O cristão, no entanto, não pode ceder ao pessimismo, como Job. Cristo veio ao meio dos homens e a Sua vinda fez brilhar no mundo esplendorosa luz de esperança. Depois que ele morreu e ressuscitou, o homem não é um ser para a morte, mas um ser para a vida. «A razão mais sublime da dignidade do homem consiste na sua vocação à união com Deus» (LG. S., 19). Assim a nossa vida temporal, marcada embora pelo sofrimento e pela morte, reveste-se de grandeza e glória.

2ª leitura: 1 Cor. 9, 16-19, 22-23

«**Ai de mim se não evangelizar!**» – A semelhança de S. Paulo, todo o cristão deve ser testemunha de Cristo e arauto do Seu Evangelho. Na verdade, «incumbe a todos os leigos a magnífica tarefa de trabalhar para que o desígnio de salvação atinja, cada vez mais, os homens de todos os tempos e lugares» (LG. 33). Este dever nasce, precisamente, da nossa união com Cristo, no Baptismo. Para o podermos cumprir, fomos robustecidos, na Confirmação, com a força do Espírito Santo. Se não formos mensageiros da salvação, não nos devemos sentir com direito a participar dos bens do Evangelho.

Evangelho: Mc. 1, 29-39

«**Curou muitas pessoas, atormentadas por várias doenças**» – S. Marcos descreve-nos um dia de trabalho de Jesus, dando-nos a conhecer o seu programa de vida apostólica.

A evangelização preenche, na maior parte, a actividade de Jesus. No entanto, Ele não fica apenas nas sinagogas, mas desce ao meio dos homens, penetrando no mundo do pecado e da dor. E a Sua acção evangelizadora é acompanhada de gestos concretos e eficazes de libertação, pelos quais supera o mal. Mas como, perante as manifestações deste Seu poder messiânico, que parece ilimitado, há quem alimente falsas esperanças messiánicas, Jesus foge a este perigo e retira-Se para a solidão. A sua oração é a expressão da Sua inteira fidelidade ao Pai.



VIVER A EUCARISTIA

«Orai, irmãos»

Ninguém deve estranhar um convite destes em plena celebração. É a maneira concreta de o presidente da assembleia litúrgica estabelecer comunicação com todos os presentes.

Todos se colocam de pé. Esta posição para a oração faz parte da grande tradição judaica e cristã.

O convite à oração, neste momento, recorda a todos que a oração da assembleia cristã se dirige a Deus, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. E, na nossa resposta, fica claro que o sacrifício de Cristo, realizado uma vez por todas na Cruz, se torna presente cada vez que a Igreja faz o que o Senhor fez na última Ceia. Esse sacrifício é nosso. Isto é, de toda a Igreja.

Quando o presidente nos convida a rezar «para que o meu e vosso sacrifício seja aceite por Deus Pai», não significa que vamos oferecer um sacrifício como faziam os pagãos e os judeus. O nosso sacrifício é espiritual. Isto é, feito no Espírito. Pois todos nós somos chamados, pela nossa condição de baptizados, a oferecer-nos a Deus como «hostia viva, pura, santa e agradável a Deus».

Historicamente esta oração representava uma súplica do presidente à assembleia, logo após a apresentação das ofertas. Ele pedia aos presentes que rezassem também por ele e, podemos dizer, para que a sua vida fosse aceite por Deus.

Hoje, ela recorda-nos o sacerdócio comum do Povo de Deus. Ou seja, que todos nós celebramos a Eucaristia porque somos um povo sacerdotal. Participamos do sacrifício do Senhor e da vida dos irmãos. Sim, porque na acção litúrgica, Cristo associa a Si mesmo toda a Igreja, que somos nós, ministros e leigos.

(Do livro "A Eucaristia que celebramos")

A COMUNHÃO NA MÃO (cont.)

- É mais delicado e respeitoso para com a pessoa que vai comungar, que assim tem uma intervenção mais activa na comunhão.

- É mais fácil o diálogo que acompanha o gesto: o "Amém" não se diz enquanto se tem de abrir a boca.

- Evita escrúpulos sobre a higiene e a possível transmissão de doenças.

O SENTIDO DE UMA MÃO QUE RECEBE

As nossas mãos têm uma grande força expressiva. Em muitas ocasiões convertem-se na linguagem mais eloquente, juntamente com o olhar. São símbolo do trabalho, da fraternidade, da unidade. Também podem, por outro lado, demonstrar o oposto: guerra, bofetada, divisão.

Na eucaristia, as mãos têm um sentido especial: mãos do sacerdote que personalizam os gestos de Cristo; mãos que se lavam em sinal de purificação e se abraçam em sinal de comunhão; mãos que se elevam, vazias, até ao céu, em gesto de oração; mãos que se oferecem e que recebem. Tudo isto como retrato simbólico das atitudes interiores.

Receber a comunhão com a mão aberta quer representar exteriormente uma atitude de humildade, de espera, de disponibilidade, de acolhimento e confiança. Perante Deus, a nossa posição é a de quem pede e recebe confiadamente. Essa mão estendida fala claramente da nossa fé e da nossa atitude interior de comunhão.

COMO FAZER

As duas mãos abertas e activas: uma recebendo, e a outra apoiando primeiro e depois tomando pessoalmente o Corpo do Senhor. Duas mãos que podem ser sinais eloquentes de um respeito e acolhimento, de um "altar pessoal" que formamos agradecidos ao Senhor.

Não é a mesma coisa "apanhar" a comunhão com a mão e "recebê-la" das mãos daquele que personifica Cristo. A comunhão não se deve

(cont. na pág. 4)